

Devassa nos centros de hemodiálise

Suspeita

Ministério da Saúde quer saber por que, principalmente no Amapá e Amazonas, tantos pacientes renais morrem aos cuidados do SUS

Em apenas seis meses do ano passado — de abril a setembro — 2.642 pacientes renais crônicos atendidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) morreram. Levantamento inédito feito pelo Ministério da Saúde neste período sobre os serviços prestados pela rede pública a 31.110 doentes renais traz evidências, segundo o governo, de que muitos pacientes podem estar sendo levados tardiamente, ou muito cedo, para as máquinas de hemodiálise e recebendo atendimento de má qualidade.

Apesar de o Brasil ter uma taxa média de mortalidade de 14,2 óbitos por mil pacientes em tratamento, considerada razoável pelo ministério, no Amapá, por exemplo, o índice é de 58,8 mortes por

mil, quatro vezes maior.

O secretário nacional de Assistência à Saúde, Antônio Joaquim Werneck de Castro, anunciou ontem a realização de uma devassa em todos os estados e de uma auditoria imediata no Amapá e no Amazonas, que gastam exageradamente mas podem estar prestando serviços duvidosos à população.

Sete estados — Mato Grosso do Sul, Ceará, Mato Grosso, Piauí, Rondônia, além do Amapá e do Amazonas — que gastam mais de mil reais mensais por paciente estão no alvo do ministério.

A situação do Amapá é considerada absurda. Enquanto a média nacional de gastos mensais com doentes renais é de R\$ 900, o estado consome R\$ 1.797,56 e tem a mais alta

taxa de mortalidade do país. Werneck disse que, provavelmente, o Amapá não tem política de prevenção adequada e nem investe nos equipamentos necessários para o tratamento dos doentes renais crônicos.

PREVENÇÃO

O Ministério da Saúde também centrará fogo na investigação de 17 estados que têm um número médio de doentes renais em diálise e hemodiálise fora do recomendável internacionalmente, que é de um a dois pacientes por 10 mil habitantes ao mês. O Rio de Janeiro tem a maior taxa: de 3,5 pacientes em terapia renal por 10 mil habi-

tantes. O ministério fará a averiguação para saber se o Rio tem tal índice porque oferece mais serviços à população ou porque sua política de prevenção é pior.

Além do Rio de Janeiro, estão acima da média indicada o Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Ficam abaixo da média a Bahia, Amazonas, Sergipe, Paraíba, Maranhão, Rondônia, Tocantins, Acre, Amapá, Pará e Roraima. O Pará, por exemplo, mantém em he-

modiálise 0,1 paciente por 10 mil habitantes.

“Quem apresenta taxa acima de dois por dez mil pode estar erran-

do no diagnóstico, pondo pacientes muito cedo nas máquinas, ou não ter uma boa política de prevenção. Quem fica abaixo de um pode estar deixando os pacientes morrerem antes de chegar às máquinas ou sem a identificação da doença renal”, avaliou Werneck.

Werneck admite que as informações colhidas pelo ministério não são totalmente confiáveis e, por isso, não é possível saber se os pacientes estão tendo uma sobrevida razoável. Até o final do ano, o ministério pretende concluir uma avaliação sobre a expectativa de vida do doente renal brasileiro em tratamento.

O assunto é prioridade no Ministério da Saúde porque, além das mortes e do sofrimento dos pacientes que fazem em média 13 sessões de hemodiálise por mês, a desorganização do sistema pesa na caixa do SUS. Os gastos com pacientes renais crônicos consomem R\$ 360 milhões por ano. Trata-se do maior gasto por paciente do SUS.

**“ALGUNS HOSPITAIS
PODEM ESTAR DEIXANDO
PACIENTES MORREREM
ANTES DE CHEGAR ÀS
MÁQUINAS OU SEM A
IDENTIFICAÇÃO DA
DOENÇA RENAL”**

Antônio Werneck, secretário
nacional de Assistência à Saúde

Suspeitas de fraude

O relatório *Assistência médica ao paciente com doença renal crônica*, divulgado pelo Ministério da Saúde, traz indícios de que as verbas destinadas ao tratamento dos doentes renais do país estão sendo empregadas de forma irregular pelos estados.

Segundo técnicos do ministério, até a implantação do Sistema de Autorização de Procedimento

de Alto Custo, em abril de 1997, todo o tratamento fornecido aos doentes renais era fraudado. “Sem dúvida, havia fraude no sistema”, diz o consultor de informações da Secretaria de Assistência à Saúde, Eduardo Almeida Mota. A partir deste ano, todos os procedimentos de terapia renal passarão a ser fiscalizados pelo novo sistema.